



A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIALIZAÇÃO DE UMA JOVEM COM ESQUIZOFRENIA E AUTISMO EM UM PROJETO DE VIVÊNCIAS ESPORTIVAS

Felipe R. C. SANTOS¹; Lia P. CASTELAN².

RESUMO

A socialização é um processo que pode envolver desafios. Este trabalho relata a experiência de uma jovem com diagnóstico médico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e esquizofrenia em um projeto focado em vivências de esporte e lazer para pessoas com deficiência. Tanto o TEA quanto a esquizofrenia representam grandes barreiras sociais e emocionais, mas o projeto visou promover a inclusão e facilitar a participação de todos, independentemente das limitações. As atividades foram realizadas na praça de esportes de Muzambinho-MG e em um prédio do Instituto Federal do Sul de Minas (campus Muzambinho). Ambientes preparados parecem ter sido um fator importante para favorecer o desenvolvimento social da jovem, melhorando sua interação com os professores e o grupo, evidenciando a importância de iniciativas inclusivas para a comunidade.

Palavras-chave:

Desenvolvimento Social; Inclusão; Barreira Social; Neurodivergência.

1. INTRODUÇÃO

A comunicação é um dos principais pilares para o desenvolvimento da socialização humana, desempenhando um papel fundamental ao longo de todo o processo de criação e evolução das interações sociais. No entanto, alguns distúrbios estão diretamente relacionados a déficits na comunicação, o que afeta significativamente a capacidade de socialização. Entre as patologias que apresentam maiores desafios nesse aspecto, a esquizofrenia se destaca, trazendo mudanças significativas nos padrões de comunicação, capacidade de formar discursos coerentes é profundamente afetada, e a interpretação de falas literais e não literais também costuma ser comprometida em pessoas com esse diagnóstico. Essas alterações impactam profundamente a forma como os indivíduos com esquizofrenia interagem com o mundo ao seu redor, dificultando a construção de vínculos sociais e emocionais (Santos, *et al* 2014).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno de neurodesenvolvimento que se caracteriza por dificuldades na interação social, afetando tanto a comunicação verbal quanto a não verbal, além de influenciar o comportamento em grupo. Essas dificuldades impactam diretamente a forma como indivíduos com TEA se relacionam com os outros e com o ambiente ao seu redor, tornando desafiador o estabelecimento de conexões sociais (Lemos; Salomão; Agripino-Ramos, 2014).

Uma jovem participante do projeto de extensão Brincadapta que possui laudo de TEA e esquizofrenia enfrenta grandes desafios na interação social, pois ambas as condições afetam significativamente sua relação com o meio (Silva e Mulick, 2009; Santos, *et al* 2014). Nesse contexto, percebemos que o envolvimento da jovem com o projeto propiciou novas formas de lidar com o obstáculo da comunicação e interação social.

¹Bolsista de Extensão, IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho. E-mail: felipe.rebelo@alunos.ifsuldeminas.edu.br.

²Orientadora, IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho. E-mail: lia.castelan@ifsuldeminas.

. A inserção do indivíduo no ambiente esportivo e de lazer pode trazer benefícios substanciais, promovendo melhorias significativas nas habilidades sociais. Para isso é necessário adaptar a prática esportiva às necessidades específicas, tornando-a uma aliada no desenvolvimento social e emocional (Sanches e Rubio, 2011).

Visando a oferecer atividades de esporte e lazer para todos, sobretudo pessoas com deficiência e mais especificamente autismo, e formar futuros profissionais preparados para a inclusão, o projeto de extensão Brincadapta, é uma iniciativa do ADAPTA - Grupo de Estudos de Esporte Adaptado e foi idealizado em parceria com o Grupo de Mães Amor Azul, na cidade de Muzambinho. O presente trabalho visa relatar transformações qualitativas na comunicação e interação social em uma aluna do projeto Brincadapta ao longo de 1 ano e 8 meses.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O projeto Brincadapta foi desenvolvido ao longo de quase dois anos, entre 2022 e 2024, com o objetivo de promover a inclusão de pessoas com deficiência em atividades de esporte e lazer adaptados. Ele ocorreu em dois locais centrais na cidade de Muzambinho - MG: a Praça de Esportes (entre 2022 e 2023) e a Unidade José Januário de Magalhães do IFSULDEMINAS (entre fevereiro e agosto de 2024). Esses espaços foram escolhidos cuidadosamente para garantir que os participantes tivessem um ambiente seguro, acessível e acolhedor, que atendesse às suas necessidades específicas.

O público-alvo do projeto era composto por pessoas com deficiências, em especial aquelas diagnosticadas com (TEA). A jovem participante citada no relato é portadora do (TEA) e esquizofrenia, o que resulta em movimentos repetitivos, dificuldades na comunicação social além de pensamentos desorganizados e desconectados da realidade ao seu redor, comprometendo todas suas relações sociais. As atividades esportivas e de lazer foram adaptadas para favorecer a participação e a interação social dos alunos, sempre respeitando as limitações e potencialidades de cada participante. O planejamento das atividades incluiu estratégias inclusivas, como a adaptação de jogos e a mediação constante, para promover um ambiente de aprendizagem colaborativo e inclusivo.

3. RELATO DA EXPERIÊNCIA

A experiência ocorreu de forma gradual, com pequenas evoluções sendo notadas ao longo dos dias de participação. No início, foram observados sinais de resistência às atividades em grupo, especialmente nos momentos que exigiam interação social, refletindo em movimentos repetitivos, também chamados estereotípias, que eram golpes fortes nas pernas com a mão em formato de punho, aberturas intensas da boca e caminhadas frequentes pela quadra em direções aleatórias especialmente nos momentos que exigiam interação social, refletindo em movimentos

repetitivos, também chamados estereotípias, que eram golpes fortes nas pernas com a mão em formato de punho, aberturas intensas da boca e caminhadas frequentes pela quadra em direções aleatórias. A jovem frequentemente demonstrava desconfiança e medo em determinadas situações era evidente a aflição em relação aos outros, marcada pela repetição frequente da frase 'estou com medo' e pela menção de pessoas que não estavam presentes. O que a levava a evitar a proximidade com os outros participantes.

Apesar da resistência que a aluna demonstrou no início, a família continuou trazendo ela para as aulas, e os extensionistas a recebiam com boas vindas e provocavam a sua participação, pesquisando e adaptando estratégias para se aproximar dela de maneira respeitosa. Após 1 mês de aulas, a equipe percebeu um avanço significativo quando ela começou a demonstrar interesse pelo basquete. Durante esse período de familiarização com o basquete, as estereotípias tornaram-se menos intensas, à medida que ela mostrava interesse em praticar o esporte. Demonstrava um forte desejo de acertar o alvo, frequentemente pedindo a bola a algum professor que estivesse por perto. Apesar desse progresso, ela ainda preferia praticar o esporte longe de outros alunos do projeto, porém interagindo bem com alguns professores. Essa etapa marcou o início de sua aceitação das atividades, embora em um contexto mais restrito e sob supervisão próxima.

À medida que as aulas avançavam, o contato com a aluna se tornava mais próximo, e foi possível perceber que ela gostava muito de músicas e atividades de dança. Após identificar essa afinidade, foram introduzidas atividades de dança no projeto, buscando aproveitar seu interesse para promover maior envolvimento social. Esse ajuste trouxe a primeira grande evolução em sua participação: durante uma aula de dança realizada em uma sala com espelhos, em certo momento, foi proposta uma atividade de dança e expressão livre, e a aluna se integrou completamente à atividade, participando junto aos demais integrantes do grupo, sem se limitar à interação apenas com os professores. Esse momento, que aconteceu após 2 meses, representou o início de uma relação da aluna com os colegas de projeto que não havia ocorrido até então, superando barreiras que antes a mantinham isolada.

A relação de confiança já estabelecida ao longo do tempo com alguns extensionistas específicos nos pareceu fundamental para essa evolução, bem como para a progressão das interações sociais que se sucederam após esse período.

Dois pilares importantes observados ao longo desse processo foram o aumento gradual da socialização nas rodas de conversa e nas atividades, e a redução na intensidade das crises e estereotípias durante o tempo de envolvimento nas aulas. Com o passar do tempo, a comunicação também se tornou mais fluida, tendo sempre a música e as atividades corporais como meios de aproximação e interação.

Por fim, após 1 ano e 6 meses de aulas, a distância de isolamento que ela mantinha no início do projeto foi significativamente reduzida. Em 2024 ela participava de diversas atividades, não se limitando apenas à dança e aos movimentos corporais. Mas jogava bola com outras crianças, participava de jogos e fazia uma parte das atividades propostas, às vezes sozinha com um extensionista, às vezes em grupo com seus colegas. A maioria das propostas incluía sua participação ativa no grupo, sempre com as adaptações necessárias para garantir sua inclusão de forma mais plena. Esse progresso reflete não apenas sua evolução pessoal, mas acreditamos que o impacto positivo de um ambiente acolhedor e adaptado auxiliou no desenvolvimento de todos do grupo ao propor uma forma respeitosa de trabalhar o respeito à diferença.

4. CONCLUSÃO

O relato dessa experiência destaca a importância de Projetos de Extensão com foco na inclusão da perspectiva de uma aluna, mas levando em conta todos os seus participantes e considerando as diferentes particularidades. A evolução da aluna com diagnóstico médico de TEA e esquizofrenia demonstra que, em um ambiente acolhedor, com atividades adequadas e profissionais capacitados, uma parte das barreiras que se impõe na socialização podem ser superadas, promovendo uma interação que evolui para uma verdadeira comunidade. Vale ressaltar que as experiências esportivas, em suas diversas formas, podem promover a socialização e o bem-estar, contribuindo significativamente para a redução de estereótipos e crises.

REFERÊNCIAS

LEMOS, E. L. DE M. D.; SALOMÃO, N. M. R.; AGRIPINO-RAMOS, C. S. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista brasileira de educação especial**, v. 20, n. 1, p. 117–130, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382014000100009>. Acesso em: 12 set. 2024

SANCHES, S. M.; RUBIO, K. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 825–841, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000400010>. Acesso em: 12 set. 2024

SANTOS, A. E. DOS et al. Comportamento comunicativo de indivíduos com diagnóstico de esquizofrenia. **Revista CEFAC**, v. 16, n. 4, p. 1283–1293, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-021620140913>. Acesso em: 12 set. 2024

SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 1, p. 116–131, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000100010>. Acesso em: 12 set. 2024